



# abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

## A ESCRITA DE E. PAULINE JOHNSON: INSTRUMENTO DE LUTA E DE RECONHECIMENTO

Eduardo de Souza Saraiva (FURG)

Rubelise da Cunha (FURG)

**Resumo:** O objetivo do presente artigo é o de apresentar a escrita da autora indígena canadense Emily Pauline Johnson e como ela foi relevante para o início da formação da literatura indígena dos povos ameríndios. A literatura indígena, na qual os textos de Johnson estão inseridos, deriva da tradição oral dos povos originários. Essa literatura em sua forma escrita tem seu início com o processo de colonização dos espaços indígenas pelo europeu. A questão da oralidade pode ser observada no conto ‘The lost island’, da coletânea *Legends of Vancouver* (1911), que recupera a lenda e o mito transmitido através desse processo da contação de histórias com o intuito de manter a tradição e de perpetuar as lições e os ensinamentos aos mais novos. É através da oratória, da escrita e da literatura que os povos indígenas se (re)afirmam e protestam contra a colonização, o ódio e a opressão. No âmbito de seu trabalho literário, Johnson contribuiu para mostrar a identidade de um povo e utilizou de sua voz e de sua escrita para garantir seu espaço e mostrar as marcas de violência e opressão de um período colonial. O aporte teórico foi retirado dos seguintes textos: ‘First peoples literature in Canada’, de Kateri Akiweenzie-Damm; ‘A distinctive genre within Canadian literature’, de Jeannette Armstrong; *The Oxford companion to Canadian literature*, de Eugene Benson e William Toye; ‘A duplicidade do sujeito indígena em Maíra e *Kiss of the Fur Queen*’, de Rubelise da Cunha; *Paddling her own canoe: the times and texts of E. Pauline Johnson (Tekahionwake)*, de Carole Gerson e Veronica Strong-Boag; ‘Publica(c)tion’: E. Pauline Johnson’s publishing venues and their contemporary significance’, de Sabine Milz; *The Cambridge companion to Native American literature*, de Joy Porter e Kenneth Roemer e *Contemporary American Indian literatures and the oral tradition*, de Susan Berry Brill Ramírez.

Palavras-chave: Literatura canadense. Literatura Indígena. Dissonância. Pauline Johnson.

Ao tratar da literatura de autoria indígena, mais especificamente a literatura indígena canadense, é importante levar em consideração que os primeiros povos habitantes do Canadá, muito anteriormente à chegada do colonizador, possuíam uma cultura com base na oralidade. Esse caráter oral estava muito distante daquele preconizado pelos moldes europeus, ou seja, a forma escrita nos moldes ocidentais.

Muitas das comunidades ameríndias canadenses representadas pelos homens e mulheres mais experientes do grupo transmitiam suas histórias aos mais novos por meio de rituais de contação de história. Esses cerimoniais eram carregados de significação, de valores sociais e era por meio das narrativas orais que o conhecimento era passado para

as próximas gerações. As histórias compartilhadas transmitiam as crenças, os valores sociais, e, também, preservavam o conhecimento e a cultura dos povos indígenas.

A performance oral, de acordo com Susan Ramírez (1999), era um processo sofisticado e complexo no que diz respeito à criação de metáforas, de símbolos, do tempo e da voz do contador. Ramírez ainda destaca que ao participar do processo de compartilhar as narrativas, os ouvintes passavam por um processo transformador uma vez que havia uma ligação com o que era contado. Para Joy Porter e Kenneth Roemer (2005), a tradição oral era um processo vivo, uma relação espiritual expressa e perpetuada em formas de rituais e cerimônias, e um poder curador evidenciado pela linguagem, por símbolos e pensamentos.

De acordo com Eugene Benson e William Toye (1997), as lendas e os mitos são parte dessa cultura oral herdada pelas *First Nations*, ou Primeiros Povos, e eles foram transmitidos de geração em geração, incontáveis vezes pelo processo oral da contação de histórias. Ainda segundo os autores:

As lendas dos povos indígenas foram transmitidas de uns para os outros dentro de um contexto social de contação de histórias e cerimônia. Os mitos, as fábulas, as lendas foram sempre acompanhados por sons, rituais, drama, poemas, orações e discurso<sup>1</sup> (BENSON; TOYE, 1997, p. 1).

Kateri Akiweenzie-Damm (2005) no artigo ‘First peoples literature in Canada’ menciona que a ligação que povos indígenas possuem com a sua terra, com seu entorno e entre si são à base da construção da identidade indígena e, por consequência, da literatura produzida por esses povos. Nas palavras da autora:

Essa interconectividade é expressa e reforçada através de nossa língua, artes, cerimônias, músicas, orações, danças, costume, valores, e práticas diárias – tudo isso vem sendo desenvolvido através das gerações, por muitos e muitos anos de vivência na terra<sup>2</sup> (AKIWEENZIE-DAMM, 2005, p. 170).

Com essa passagem, percebemos que as ligações dos povos indígenas com a terra, consigo mesmo e com os outros são questões complexas e envolvem diversos fatores. O objetivo da autora em recuperar esses pontos é para reforçar e enfatizar que as Literaturas Aborígenes são únicas e elas surgem “da cultura, das crenças, dos valores, da

---

<sup>1</sup> Tradução do original em Inglês pelo autor.

<sup>2</sup> Tradução do original em Inglês pelo autor.

estética, do humor, da espiritualidade e das experiências dos muitos povos indígenas”<sup>3</sup> (AKIWEENZIE-DAMM, 2005, p. 169).

As formas escritas ocidentais não foram em um primeiro momento a forma de expressão literária das primeiras nações. Como destacado anteriormente, é por meio da oralidade que os povos indígenas contavam suas histórias, cantavam suas músicas, declamavam seus discursos e seus poemas em que eram forma de sons e orações. Akiweenzie-Damm menciona que o ato de escrever as histórias e as canções não pertencia à tradição indígena, mas foi a partir do contato com o Europeu e com o processo de colonização que a prática de escrita começa a ser imposta a essas comunidades.

Jeannette Armstrong, no texto ‘Aboriginal literature: a distinctive genre within Canadian literature’ (2005), aponta que a literatura aborígine canadense em sua forma escrita contemporânea precisa ser em primeiro lugar analisada como uma evolução das tradições orais. A forma escrita dos textos literários dos povos ameríndios precisa ser lida e analisada por um viés muito mais complexo e antigo, o da tradição oral.

É, então, possível considerar que a passagem da tradição oral dos povos originários canadenses para uma expressão aos moldes da escrita ocidental se deu com o processo de colonização dos espaços indígenas. A partir da chegada do “homem branco” com seus costumes e valores, a cultura indígena começou a sofrer um processo de apagamento e em decorrência disso, a tradição oral, conseqüentemente, também, começou a se modificar, entretanto não desapareceu.

Partindo de um pensamento que visava “civilizar” as comunidades indígenas, os europeus, e aqui podemos citar especificamente os jesuítas, são fundados os internatos, as chamadas *residential schools*, escolas administradas pela igreja, que tinham por objetivo educar as crianças indígenas. Rubelise da Cunha (2007) aborda essa questão da imposição da cultura europeia sobre a cultura indígena ao abordar que:

A partir das diversas estratégias de imposição cultural, linguística e religiosa resultará um *corpus* literário diferenciado, visto que no Canadá o projeto para as *First Nations* (Primeiras Nações) foi o de imersão dentro da cultura ocidental nas *residential schools*, os colégios internos (CUNHA, 2007, p. 89-90) [grifo da autora].

A partir dessa reflexão inicial é possível perceber como as formas orais de expressão das culturas indígenas, como por exemplo, as músicas, as orações, as poesias,

---

<sup>3</sup> Tradução do original em Inglês pelo autor.

os discursos foram em parte dando lugar à tradição ocidental da escrita, tradição essa imposta pelo processo colonizador e considerada como a única forma válida de expressão literária.

No Canadá, podemos apontar como a precursora do movimento inicial da formação de um sistema literário a autora *Mohawk* Emily Pauline Johnson. É a partir da aparição de seus versos no periódico americano *Gems of poetry*, em 1880, da publicação de suas poesias em 1884 e de dois poemas que entraram na antologia *Songs of the great dominion*, em 1889 em Londres, que se têm os contornos do início da formação de um sistema mais coeso.

Pauline Johnson cresceu em uma época da expansão de uma consciência de um novo Canadá, no qual a literatura estava exercendo uma função de estabelecer valores e uma imagem nacional, formando uma identidade. Essa literatura pelo menos em seu princípio tinha uma função mais política e problematizadora, do que estética. Johnson pode ser considerada como a primeira mulher nativa canadense a escrever sobre a história dos povos indígenas e sobre a luta desses povos no contexto de sua obra literária. Pauline Johnson foi uma das primeiras mulheres a reivindicar sua independência e a lutar durante o período da primeira onda feminista no Canadá, uma canadense nacionalista que lutou e defendeu a cultura *Mohawk*.

Como aponta Sabine Milz (2004), Johnson começou um movimento no qual ela foi capaz de colocar em palavras os problemas das *First Nations*, trazendo para a superfície as tristezas, as histórias, a luta e o amor de um povo. Esse movimento teve grande impacto pelo fato de Pauline Johnson ser considerada a primeira mulher nativa a escrever em Língua Inglesa sobre os problemas dos povos aborígenes no Canadá no contexto de sua obra literária. De acordo Carole Gerson e Veronica Strong-Boag (2000), uma leitura atenta da poesia e dos textos narrativos de Pauline Johnson revela a evolução da escritora e da *performer*, que utilizando o contexto de sua obra literária e o espaço de suas apresentações nos palcos, trouxe à superfície os problemas enfrentados pelos primeiros povos, e também problematizou a posição das mulheres.

Pauline Johnson foi considerada uma grande oradora em sua época, devido ao fato de ela não ser apenas uma escritora, mas também uma *performer*. Johnson realizava recitais de suas próprias poesias em turnês pelo Canadá, pelos Estados Unidos e pela Inglaterra. Durante suas performances de palco Pauline Johnson abraçou duas culturas: a indígena e a inglesa. Essas duas culturas estavam presentes em sua indumentária que

era composta por peles nas apresentações que ocorriam durante o dia, e por vestidos de gala, nas apresentações que ocorriam durante a noite.

A relevância cultural e política de Emily Pauline Johnson pode ser observada na sua escrita. Uma escrita que objetivou dar voz aos povos indígenas e denunciar o problema da colonização, que destruiu ou tentou destruir as comunidades ameríndias, dar voz às mulheres lutando para que elas fossem ouvidas e ocupassem um lugar na sociedade e a criação de uma identidade nacional canadense através da literatura.

Johnson recuperou a tradição oral, questão de extrema relevância para os povos ameríndios, em sua prosa e poesia. O texto narrativo “The lost island” faz parte da coletânea de narrativas *Legends of Vancouver* (1911) e é a partir da perspectiva desse ouvinte/narrador e a importância da narrativa oral para a manutenção da cultura indígena que a narrativa é apresentada. Podemos identificar na narrativa a trajetória da própria Pauline Johnson, que em determinado momento de sua vida começa a vivenciar as tradições indígenas, especialmente os rituais de ouvir histórias. Esse ouvinte, que é também um narrador em primeira pessoa, pode ser Pauline Johnson problematizando as questões que ela vivenciou e ouviu pelos processos de contação de histórias, e conseqüentemente, as transformações advindas desses rituais.

As experiências que esse “old tillicum-velho amigo” transmite de forma oral para esse ouvinte foram contadas a ele por seus antepassados, que por sua vez as ouviram também de seus antepassados. Percebe-se com isso, o ciclo que é a transmissão do conhecimento e dos registros históricos para as gerações futuras de modo que a história do povo e do local permanecesse viva e de modo contínuo ao longo do tempo.

No conto em análise, as duas personagens estão conversando sobre as perdas que as comunidades indígenas sofreram ao longo do tempo. O personagem chamado de “old tillicum”, termo que pode ser traduzido pela palavra amigo, elenca as várias perdas que os Índios vivenciaram, por exemplo:

“[...] we Indians have lost many things. We have lost our lands, our forests, our game, our fish; we have lost our ancient religion, our ancient dress; some of the younger people have even lost their fathers’ language and the legends and the tradition of ancestors”<sup>4</sup> (JOHNSON, 1911, p. 71).

---

<sup>4</sup> “... nós indígenas perdemos muitas coisas. Nós perdemos nossas terras, nossas florestas, nosso jogo, nosso peixe; nós perdemos nossa antiga religião, nossa antiga vestimenta; alguns dos mais jovens perderam até a língua de seus pais, e as lendas e a tradição de seus ancestrais”. Tradução do autor do original em inglês.

Nessa passagem, o que se percebe é a proporção dos danos causados aos indígenas pelo processo colonizador. Há uma tentativa de apagamento da identidade desses povos devido a essas muitas perdas: a língua, o local, a religião, a tradição, e é através da tradição oral, que esses fatores de grande importância para a comunidade, eram transmitidos para as gerações mais novas como forma de não perder esses registros no percurso da história. Esse “old tillicum”, através do processo oral de contar histórias, está transmitindo para esse ouvinte uma parte importante de sua própria origem, fatos que possivelmente estariam perdidos se essa prática de transmissão de conhecimento também estivesse perdida.

Dentro dessa tradição oral de contar histórias, a lenda também tinha função de transmitir conhecimento para os povos indígenas e pode ser resgatada no texto em análise. É através da lenda contada pelo “old tillicum” que esse ouvinte da história sabe, então, como era a vida de seus antepassados bem como o aspecto do local antes da chegada do colonizador. A narração da lenda é iniciada após um período longo de silêncio entre os dois, e sempre que havia esse tempo de reflexão, a lenda era então compartilhada. Nesse momento, apenas o “old tillicum” tinha a palavra e a função do ouvinte era o de escutar atentamente a narração.

A lenda apresentada na narrativa é originária da nação *Squamish* e é contada pelo Chefe Joe Capilano. Além disso, ela evidencia o aspecto espiritual dos ameríndios, especialmente dos homens e mulheres mais experientes do grupo. À medida que a lenda é compartilhada, tem-se a descrição do local e dessa figura de poder máximo dentro de sua comunidade – “great Indian medicine-man” – ou o curandeiro, figura que reúne o conhecimento das curas física e espiritual.

A conclusão da narrativa é o momento que esse personagem indígena retorna para seu grupo e após adormecer, morre. Ao final do texto, esse “medicine-man” pede a Deus que sua coragem, bravura e força prevaleçam entre os membros de sua comunidade e que eles não se curvem diante dos homens brancos e lutem contra a dominação. O desejo de ver restaurado o que um dia foi um grupo coeso e forte é compartilhado pelo “old tillicum” e pelo “medicine-man”. Os dois mantinham a esperança de que um dia todas as perdas dos ameríndios seriam reconquistadas e sua terra, língua, cultura, identidade, religião seriam uma vez mais restauradas.

Através da oralidade, essa história e muitas outras foram sendo passadas pelas gerações de modo a manter viva a tradição de um povo. As lutas, as conquistas e as perdas, os ensinamentos e as lições foram compartilhados por meio da contação de

histórias. O papel transformador que essa prática de ouvir uma história e uma lenda proporciona para os ouvintes foi uma importante ferramenta de manutenção dos registros históricos dos povos indígenas. Ouvir uma história, retirar uma lição e perpetuar esse conhecimento entre os membros do grupo era um dos objetivos da tradição oral, evitando desse modo que a história do povo fosse perdida na memória das futuras gerações.

Pauline Johnson pode ser considerada como a precursora no que diz respeito à sua contribuição para a formação de um sistema literário canadense. Com a escrita e publicação de suas poesias em jornais, revistas e periódicos da época, Johnson iniciou um movimento revolucionário ao abrir caminho para que outros autores indígenas, e principalmente, as mulheres pudessem então escrever. A autora contribuiu para a formação de uma literatura nacional e em sua escrita defendeu as primeiras nações. Em seus textos, Johnson marca a figura indígena mais do que a figura canadense com o intuito de mostrar a posição de seu povo e, conseqüentemente, contribuir para a construção de uma literatura nacional que incluía os povos ameríndios.

Johnson foi uma mulher que buscava mudanças em sua época, como apontam Strong-Boag & Gerson (2000). Ela lutou em favor de muitas causas, como, por exemplo, melhor educação, melhores salários, casamento igualitário e contra a opressão por ser mulher. E. Pauline Johnson iniciou um movimento de defesa dos direitos da mulher indígena ao apoiar o chamado *New women movement*. Por meio de sua expressão artística, por suas performances e escrita de seus textos literários, Johnson conseguiu usar sua voz em favor de seu povo, e principalmente em prol das mulheres indígenas.

No momento em que dois de seus poemas são publicados na antologia *Songs of the great dominion*, Johnson alcança o status de ser a primeira mulher indígena a escrever, principalmente por escrever seus textos em língua inglesa. Através de sua herança indígena e inglesa, Pauline Johnson utilizou sua voz e suas performances como ferramenta para a construção de sua identidade como: mulher, indígena e escritora.

O trajeto percorrido no presente trabalho mostra que, Pauline Johnson, com sua obra literária e também como ouvinte dessas histórias que fazem parte da herança indígena no Canadá, traz para o leitor a importância da tradição oral para os povos originários. Através de rituais que eram carregados de significação, as histórias e lendas eram transmitidas como forma de manutenção da cultura e transmissão de conhecimento. O poder transformador que esse processo de ouvir uma história tinha

sobre os ouvintes era importante, pois reconhecendo a lição, esse ouvinte tinha a capacidade de entender, conhecer e perpetuar a sua história e a história de seus antepassados.

Esse caráter da aprendizagem de uma lição, característica da tradição oral dos povos indígenas, é percebido na narrativa analisada. O “old tillicum” ao compartilhar a lenda com esse ouvinte o faz com o propósito de que, este último, a partir do que é contado, seja capaz de extrair um ensinamento, e que as histórias não se percam na memória do grupo. A ilha perdida, que pode ser lida como as perdas indígenas, não deve ser esquecida. Ao contrário, tudo o que foi retirado desses povos pela força colonizadora deve retornar para seu lugar de origem e, para que isso aconteça, as gerações, através da contação de histórias, mantêm viva a tradição e o conhecimento é transmitido.

A tradição oral não deve ser vista simplesmente como contar e recontar histórias, mas antes ser vista como uma forma histórica de entender um grupo que fazia uso dessa ferramenta como forma de construção de conhecimento e manutenção de suas raízes. Esses aspectos podem ser encontrados no texto de Pauline Johnson, no qual a autora, por meio da contação de histórias e da lenda, problematiza questões pertinentes aos povos indígenas no que se refere às transformações causadas pelo processo de colonização.

## Referências

AKIWEENZIE-DAMM, Kateri. First peoples literature in Canada. In: BEAVON, Daniel; NEWHOUSE, David; VOYAGEUR, Cora. *Hidden in plain sight: contributions of Aboriginal peoples to Canadian identity and culture*. v.1. Toronto: University of Toronto Press, 2007. p. 169-176.

ARMSTRONG, Jeannette. Aboriginal Literatures: A distinctive genre within Canadian literature. In: BEAVON, Daniel; NEWHOUSE, David; VOYAGEUR, Cora. *Hidden in plain sight: contributions of Aboriginal peoples to Canadian identity and culture*. v.1. Toronto: University of Toronto Press, 2007. p. 180-187.

BENSON, Eugene; TOYE, William. *The Oxford companion to Canadian literature*. 2<sup>nd</sup>. ed. Toronto: Oxford University Press, 1997.



CUNHA, Rubelise. A duplicidade do sujeito indígena em Maíra e *Kiss of the Fur Queen*. *Interfaces Brasil/Canadá*, Rio Grande, n.7, p. 89-107, 2007.

GERSON, Carole; STRONG-BOAG, Veronica. *Paddling her own canoe: the times and texts of E. Pauline Johnson (Tekahionwake)*. Toronto: University of Toronto Press, 2000.

JOHNSON, Pauline. The lost island. In: \_\_\_\_\_. *Legends of Vancouver*. Toronto: McClelland, Goodchild & Stewart, 1911. p.71-78.

MILZ, Sabine. “Publica(c)tion”: E. Pauline Johnson’s publishing venues and their contemporary significance. *Studies in Canadian Literature, Canada*, v. 29, n. 1, p. 127-145, 2004.

PORTER, Joy; ROEMER, Kenneth M. *The Cambridge companion to native American literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

RAMÍREZ, Susan Berry Brill. *Contemporary American Indian literatures and the oral tradition*. Tucson: University of Arizona Press, 1999.